

# A LIAHONA

DEZEMBRO

1969



## Mensagem de Inspiração

Presidente N. Eldon Tanner

**E**ste é um serviço de amor, sem esperança de recompensa financeira, mas com anseio altruísta por parte desses devotados jovens missionários e de seus pais que tanto sacrificam a fim de servirem a Deus e a seus semelhantes.

As lutas e a ameaça de guerra nuclear no mundo de hoje deixariam de existir amanhã e a paz voltaria a reinar sobre a terra, se os povos aceitassem essa mensagem. Os conflitos mundanos que ameaçam o livre arbítrio e a vida de todos os indivíduos são a continuação da guerra nos céus, quando Satanás estêve decidido a nos privar do nosso livre arbítrio, o mais precioso dom concedido por Deus ao homem.

### Neste Número

Mensagem de Inspiração. N. Eldon Tanner	2
Sobre Cada Lar. Presidente David O. McKay	3
Você Está Pronto Para o Natal? Harold B. Lee	4
Esta Noite Especial. Janis F. Hutchinson	6
Como Utilizar Registros e Relatórios. Delbert L. Stapley	9
Joseph Smith e Sua Família. Albert Zobell Jr.	12
Realizar o Que o Senhor Requer. Heber J. Grant	13
Rumo à Lua. William F. Sykes	15
Um Presente Muito Especial. Bernardine Beatie	17
O Tocador Côr-de-Rosa. Wendell J. Ashton	20
A Bússola do Caráter. Mabel Jones Gabbott	21
Esperança e Alegria de Todos os Homens. Evelyn M. Sandberg	22
Papai Noel Relutante. Donlu Dewitt	24
A Palavra de Sabedoria. John H. Vandenberg	26
Confiar e Obedecer. Richard H. & Doralee D. Madsen	27
O Poder do Amor. Lindsay R. Curtis	30

### Capa

"Ainda tenho outras ovelhas, não dêste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um pastor." (João 10:16) A capa dêste mês reproduz uma parte do quadro "O Cristo Ressurrecto na América" de John Scott, que retrata Cristo ensinando suas "outras ovelhas", os nefitas e lamanitas, no continente americano.

Vol. 22 - Dezembro de 1969 - Núm. 12

# A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

#### Editor

Hélio da Rocha Camargo

#### Redator

F. Máximo

#### Centro Editorial Brasileiro

R. São Tomé, 520 — V. Olímpia  
CP 19079, São Paulo, SP  
Tel. 80-9675

#### Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

#### Estaca São Paulo Leste

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

#### Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro, 215, CP 862  
São Paulo, SP — Tel. 80-4638

#### Missão Brasileira do Sul

R. Dr. Flôres, 105, 14.º — CP 1513  
Pôrto Alegre, RGS  
Tel. 24-9748

#### Missão Brasileira do Norte

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras  
Rio de Janeiro, GB  
Tel. 225-1839

#### Missão de Construção

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP  
Tel. 33-6761

**A LIAHONA** — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguesa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy, R. Abolição, 263. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

**Subscrições:** Tôda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 6,00; para o Exterior simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: NCr\$ 0,60; exemplar atrasado: NCr\$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

# Sôbre Cada Lar

**Presidente David O. McKay**

**O** Natal, quer seja comemorado no rigor do inverno do hemisfério setentrional ou em pleno verão das plagas do sul, é a época mais feliz do ano. A primavera, com os botões a irromper, côres variegadas e manifestações de vida abundante, inspira nova esperança, prometendo dias felizes; o verão corôa o ano com deslumbrantes belezas e proporciona prazeres a êle peculiares; o outono, com seus frutos e searas maduros e encostas dos montes tingidas de côres brilhantes, enche o coração de gratidão pela generosidade da natureza. Contudo, o encurtar progressivo dos dias traz um toque de melancolia, o ar gelado pressagiando a aproximação do inverno que "cobre de silêncio os campos ceifados e de desolação as ravinas da montanha."

Cada uma das estações proporciona seus próprios prazeres, alegrias e glórias peculiares, e são saudados com variáveis graus de boas-vindas e deleite pelos diversos grupos e povos. Há os aniversários e feriados em cada uma das estações — cada um com sua própria comemoração e celebração característica, mas pelo Natal impera o tributo mundial, a alegria universal.

A história do primeiro Natal — a maior história de todos os tempos: o nascimento do nosso Salvador — é-nos contada maravilhosamente no livro de Lucas, na Bíblia:

"Havia naquela mesma região pastôres que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite.

"E um anjo do Senhor desceu aonde êles estavam e a glória do Senhor brilhou ao redor dêles; e ficaram tomados de grande temor.

"O anjo porém lhes disse: Não temais; eis que vos trago boa nova de grande alegria, que o será para todo o povo;

"é que hoje vos nasceu na cidade de Davi o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

"E súbitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial louvando a Deus e dizendo:

"Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem êle quer bem." (Lucas 2:8-11, 13-14)

Quão glorioso é ter um dia reservado para comemorar o nascimento do Filho de Deus, que nasceu em Belém pela profecia divina. Tal profecia foi em parte cumprida pelo decreto romano que exigiu que José e Maria fôsem a Belém a fim de pagar seus impostos. Quando lá chegaram, vindos de Nazaré, não havia mais lugar na estalagem e tiveram que procurar um "khan" — não uma estrebaria como costumamos dizer, mas uma caverna cavada na rocha calcária onde abrigavam os animais domésticos — e ali, no mais humilde dos ambientes, nasceu o Salvador da humanidade, o Filho de Deus.

Jesus, nascido na mangedoura, herdou todos os nobres poderes de seu Pai — Deus, nosso Criador. Serviu entre os homens somente durante três anos, e no entanto, nenhum ser vivente pode afirmar que êle não é o maior dos homens que jamais pisou a terra, o único cavalheiro perfeito que viveu entre os homens. Não fêz nada daquilo pelo que o homem mundano é geralmente considerado grande — não foi um descobridor, nada inventou; não foi um letrado, embora derrotasse os homens da lei; não foi escritor, não temos nenhum registro do que escreveu, exceto de que traçou algo com seu dedo na areia, para ajudar a pobre mulher atirada diante dêle pelos orgulhosos e arrogantes fariseus, e ninguém sabe o que foi.



Em nenhuma das esferas em que homens e mulheres conquistam lauréis Jesus se destacou, mas, quanto ao caráter, foi supremo.

A responsabilidade de estabelecer a paz no mundo não repousa somente sobre os líderes das nações, mas também sobre cada indivíduo, sobre cada lar, sobre cada aldeola e cidade.

A realidade de Cristo precisa ser sentida por vós e por mim, a veracidade da sua filosofia deve ser aceita por mim e por vós, se esperamos progredir espiritualmente.

Na marcha do progresso espiritual existem certos passos definidos e necessários, se apenas conseguirmos percebê-los:

1. **A consciência de liberdade.** Este princípio teve sua origem quando Cristo aceitou a designação de sua missão terrena. Deus deseja tornar o homem semelhante a ele, mas, para isso, primeiro precisa torná-lo livre.

2. **O senso de auto-domínio.** Não conseguiremos nos elevar a não ser que superemos e derrotemos as tentações como Cristo o fez.

3. **O senso do dever.** Também nisto Cristo deu o exemplo, sacrificando seu próprio bem-estar e necessidades a fim de servir ao próximo.

4. **Submissão à vontade de Deus.** A mais sublime realização espiritual do homem é falar e agir para o bem de seus semelhantes, para a glória de Deus, tornando assim a vida uma possessão consagrada.

Na época presente, o destino das nações está envolvido nesta questão importantíssima: "O que pensais do Cristo?" Agora é a hora, mais urgente do que nunca, de as chamadas nações civilizadas, que lutam em busca de paz, responderem a essa pergunta e fazê-lo corretamente.

Sem Jesus Cristo, o Senhor ressurrecto, o mundo não poderá sobreviver. O verdadeiro espírito de Natal é o espírito de Cristo.

Nós, irmãos e irmãs de Cristo, membros da Igreja dêle, o aceitamos como o maior dos homens que jamais viveu, mas sempre e muito mais, como o Redentor da humanidade. A mortalidade herdamos de Adão, que por si próprio decidiu trazê-la a nós. Foi um passo para o progresso. Ele exerceu sua liberdade de escolha, que é dom dado por Deus, e aceitou a mortalidade, mas também sabia que Jesus Cristo viria e estabeleceria um plano pelo qual ele e toda sua descendência poderiam voltar à presença de Deus. Este plano é o Evangelho de Jesus Cristo. Eu vos presto meu testemunho e testifico que ele vive, que Pedro ao dizer que ele é participante da natureza divina, disse a verdade, e que os homens e mulheres de hoje podem sentir essa mesma participação. Isto é a realidade.

Que Deus nos ajude nesta época festiva para que possamos contribuir com nossa influência sobre o mundo de tal forma que um número maior de pessoas aceitem Jesus Cristo como o Salvador, e para isso eu oro humildemente em nome dêle, desejando a todos vós um alegre Natal e um Ano Novo feliz, pleno de sucesso. Que possa ser o melhor de todos na história da Igreja.

## VOCÊ ESTÁ PRONTO PARA O NATAL?

**Harold B. Lee**

do Conselho dos Doze

**D**esde que fui chamado como presidente da velha estaca de Pioneer, quase 40 anos atrás, os tempos têm sido cheios e abundantes. Pelos padrões atuais era uma estaca grande, com cerca de 7.500 membros vivendo em 11 alas. Situava-se na parte sudoeste de Salt Lake City; o povo sofria as agruras da depressão econômica e os tempos eram difíceis.

Certo Natal (creio que foi o primeiro da minha pre-

sidência) nossas filhinhas abriram depressa seus pacotes com presentes natalinos e logo saíram correndo em busca de suas amiguinhas a fim de mostrar-lhes suas bonecas novas e outros presentes. Pouco depois voltaram para casa, ambas banhadas em lágrimas.

"O que aconteceu?" perguntamos.

Soluçando responderam: "Nossas amiguinhas não ganharam nada. Papai Noel não foi à casa delas."

Lembramo-nos, tarde demais, que bem defronte à nossa casa vivia uma família cujo pai não era membro da Igreja, embora as crianças e a mãe o fôssem, esta um tanto passivamente; êle estava desempregado e nós o havíamos esquecido. Nosso Natal estava estragado.

Mandamos buscar as crianças e procuramos dividir o que tínhamos, na tentativa de remediar nossa falta de consideração, mas já era tarde. O jantar de Natal naquele dia não me apeteceu. Sentia-me infeliz compreendendo que sôbre os meus ombros é que repousava a responsabilidade pelo bem-estar das pessoas na estaca.

Fizemos um levantamento e ficamos chocados ao descobrir que 4.800 de nossos membros eram parcial ou totalmente dependentes, pois os chefes de família não tinham emprego permanente.

Naquela época não havia projetos governamentais para proporcionar trabalho. Dependíamos exclusivamente de nós mesmos — as finanças da Igreja estavam em declínio. As autoridades comunicaram-nos que não devíamos esperar auxílios dos fundos gerais da Igreja. Assim, a situação continuava a mesma ao aproximar-se o Natal seguinte.

Sabíamos que havia mais de mil crianças com menos de dez anos de idade para as quais, se ninguém ajudasse, não haveria Natal.

Iniciamos os preparativos. Encontramos dependências vagas num segundo andar, sôbre uma velha loja, na rua Pierpont. Angariamos brinquedos, alguns já quebrados, e durante um ou dois meses antes do Natal, pais e mães lá se reuniam. Alguns chegavam mais cedo ou ficavam até mais tarde para confeccionar algo especial para seus pequenos.

Alí estava o espírito de Natal — bastava entrar pela porta daquela oficina para ver e senti-lo. Estabelecêramos como nossa meta que nenhuma criança ficaria sem um presente de Natal.

Haveria um jantar natalino em todos os lares das 4.800 pessoas que, sem auxílio, nada poderiam oferecer. O cardápio incluiria nozes, doces, laranjas, um assado e tudo o mais habitual nessa refeição natalina.

Acontece que naquela ocasião eu era um dos comissários municipais. Na antevéspera do Natal daquele ano houve forte nevasca e permaneci a noite inteira junto das turmas encarregadas da desobstrução das estradas, sabendo que seria responsabilizado se qualquer

dos meus homens se deixasse vencer. Depois devia ir para casa, trocar de roupa e ir ao escritório.

Ao voltar para a cidade vi um menino à beira da estrada pedindo carona. Estava ali, no frio cortante, sem casaco, sem luvas, sem galochas. Parei e êle subiu sentando-se ao meu lado.

"Filho," perguntei, "você está pronto para o Natal?"

"Conversa, senhor. Não vamos ter Natal coisa alguma lá em casa. Papai morreu faz três meses e deixou mamãe, eu, meu irmãozinho e minha irmãzinha."

Três crianças, tôdas com menos de dez anos!

"E onde vai você, filho?"

"Vou assistir a uma sessão de cinema gratuita."

Liguei o aquecimento do carro e disse: "Agora vamos, dê-me seu nome e enderêço."

Conversando mais descobri que não eram membros da Igreja.

"Alguém irá à sua casa, vocês não serão esquecidos. Agora, divirta-se — hoje é véspera de Natal."

Naquela noite pedi a todos os bispos que acompanhassem os entregadores, certificando-se de que nenhuma família fôsse esquecida, e que depois me apresentassem um relatório.

Enquanto esperava a comunicação do último bispo, lembrei-me com pesar de que, com a pressa de cumprir todos os meus deveres profissionais e minhas responsabilidades na Igreja, esquecera-me do garotinho e da promessa que lhe fizera.

Quando o último bispo apresentou seu relatório, perguntei-lhe: "Bispo, será que o senhor ainda tem o suficiente para atender mais uma família?"

"Tenho sim."

Contei o caso e dei-lhe o enderêço.

Pouco depois êle telefonou para confirmar que também aquela família havia recebido uma cesta bem sortida. Finalmente terminara a véspera de Natal e pude ir dormir.

Ao acordar naquela manhã de Natal, orei de coração: "Deus, permite que nunca eu deixe passar outro ano, mas que, como líder, venha a conhecer realmente minha gente. Saberei de suas necessidades. Estarei côscio dos que mais carecem de minha liderança."

Minha negligência resultara em sofrimento naquele primeiro ano porque eu não conhecia minha gente. Mas agora havia resolvido que nunca mais descuidaria das necessidades dos que me rodeavam.

# Esta Noite Especial

**P**or pouco não intitulei este artigo "A Bênção da Viuvez", o que poderia parecer estranho, mas a sensibilidade decorrente de ser viúva foi uma das maiores bênçãos que já recebi.

Bobby tinha nove meses de idade e Patty, quatro anos, quando o pai faleceu, por isso o sentiram muito pouco. Mas Gordon, já com seis anos, estava numa idade muito vulnerável. Não conseguia chorar e por isso extravasava seus sentimentos em acessos de raiva, mau humor e maldade, tornou-se mau aluno e tinha explosões emocionais de todos os tipos. Eu reconhecia que estava passando por uma experiência penosa, mas não sabia como deveria tratá-lo.

Na hora de ir para a cama Gordon tinha grande dificuldade de orar; ele tentava, caía no choro e ficava furioso (comigo, pensava eu). Então sentia-me cansada, aborrecida e desgostosa com ele por causa da sua atitude para comigo e saía, deixando-o a chorar. Quando tentava abraçá-lo ou dar-lhe um beijo, isto geralmente transformava-se numa luta corpo a corpo.

Costumava dizer à irmã que a odiava e que desejava que ela estivesse morta. Isto criava um problema a mais pois Patty sentia-se rejeitada. Assustava-me quando dizia que desejaria estar morto. Quando me via obrigada a repreendê-lo por alguma coisa, respondia gritando: "Por que a senhora não me mata?" Ele chegava a tais extremos! Por vezes metia-se deliberadamente em dificuldades, na escola ou em casa, a fim de que fosse punido e chamasse atenção. Eu estava desnordeada e ferida. Psicologicamente, não conseguia explicar a situação nem solucionar o problema, naquela época.

Mas tudo isso trouxe-me certa percepção da responsabilidade da maternidade. Isto poderá parecer estranho, pois sei que a maioria das mães a conhecem e também eu pensava assim. Mas quando o meu mundo começou a girar em torno dos filhos, compreendi, melhor do que jamais o havia feito, a importância de dedicar-lhes mais tempo deliberadamente, demonstrando maior interesse pelos problemas deles, ouvindo, ensinando, e aprendendo a comunicar-me com eles.

Sempre fui ativa na Igreja; pertencia a uma ala pequena onde todas as pessoas eram necessárias. Por ocasião da morte de meu marido eu tinha seis cargos. Com o trabalho adicional em casa, como consertar o telhado e os encanamentos, comecei a fraquejar. Parecia que toda vez que meus filhos me procuravam, fôs-

se Patty querendo que eu brincasse com ela, ou Gordon necessitando da minha presença e compreensão, ou Bobby desejando um pouco de atenção e de carinho, eu sempre estava impaciente e muito ocupada preparando uma lição. Então sentia-me frustrada e gritava com eles.

Eu amava meu trabalho na Igreja, mas também tinha amor aos filhos. Compreendi que eu estava negligenciando emocional e espiritualmente. Sabia que não poderia cumprir minhas obrigações na Igreja, que eu achava tão importantes, e ainda dedicar tempo suficiente às crianças. Simplesmente não conseguia fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Mas desistir ainda de que parte do meu trabalho? Seria como deixar de respirar. Sentia que tinha a obrigação de aceitar os cargos que me ofereciam. Foi muito difícil tomar uma decisão.

Finalmente, em desespero, disse a mim mesma: "É impossível fazer todos esses trabalhos na Igreja e criar meus filhos da forma certa, contudo preciso fazer o que me pedem. O que farei?" Lembro-me de ter falado em voz alta, sem contudo esperar uma resposta, mas a resposta veio: "Desista — não de tudo, mas da maior parte." Esta resposta fez-me compreender que o Senhor não desejava que eu sacrificasse minhas relações familiares à Igreja, e que se eu desapontasse meus filhos, estaria desapontando a Deus.

Após ter tomado minha decisão, informei meus filhos de que pediria desobrigação de três dos meus cargos, a fim de poder dedicar-lhes mais tempo e fiquei surpresa com a reação deles. "Agora a senhora pode brincar de boneca comigo!" Patty gritou. Gordon apenas sorriu, um sorriso de orelha a orelha. Bobby, muito pequeno para entender o que fôra dito, mas sentindo que algo estava acontecendo, extravasou sua alegria atacando-se comigo à maneira dos vaqueiros.

Orei dia e noite por orientação para ensinar meus filhos — para ajudá-los a superar seus problemas emocionais provocados pela morte do pai, para estabelecer relações familiares mais íntimas e tornar o Evangelho uma parte de suas vidas. Sentia-me esmagada pela magnitude dessa tarefa; não sabia por onde começar ou como desempenhá-la. Então a Igreja introduziu o **Manual de Reuniões Familiares** — uma resposta a minhas orações.

Como nos temos divertido nas reuniões familiares! Temos uma lição, histórias ilustradas no quadro de fla-

A irmã Hutchinson, professora de Doutrina do Evangelho na ala de Wendover (Utah), e secretária das escolas de Wendover, escreveu este relato inspirador sobre os benefícios das reuniões familiares, calcado em suas experiências desde a morte do marido, ocorrida em 1961.

---

## Janis F. Hutchinson

nela, canções, e cada uma das crianças contribui para o entretenimento. E como diz Patty jocosamente: "Se não a terminamos estourando pipocas, a coisa toda é um fiasco!"

Tenho tentado não me exceder. Jogos, apresentação de fantoches, um lanche surpresa, passeios nas montanhas, filmes caseiros, desenho animado, etc. são tão importantes como ensinamentos sérios.

Mas por vezes, momentaneamente desesperada, posso ver que mesmo isso tudo não os transformou em anjos. São crianças e estão crescendo, e por isso ainda encontro o leite de Bobby na tigela do gato, o espelho do banheiro artisticamente decorado com pasta de dente, a roupa de Patty socada atrás da cômoda em vez de guardada dentro dela, as crostas de pão do sanduíche de Gordon cuidadosamente escondidas atrás da porta, biscoitos esmigalhados debaixo dos travesseiros, livros e tarefas escolares metidos na casinha do cachorro, mentirinhas e respostas malcriadas. Ainda sabem ser traquinas e mesmo mal comportados!

Um dos nossos mais irritantes problemas ficou resolvido com uma lição das reuniões familiares. Geralmente quando eu descobria algo danificado e perguntava: "Gordon, foi você?" "Não!" Patty, foi você?" "Não!" "Então foi você Bobby?" "Não, juro que não!" Obviamente um deles estava mentindo e o caso parecia um tanto desesperador. A lição sugeria que um meio de os pais inspirarem seus filhos a procurarem ser íntegros é ajudá-los a compreender que, quando alguém comete uma falta, deve ter a coragem de enfrentar a situação. Quando vi essa lição pensei comigo: "Ninguém me vencerá de que esta lição possa dar algum resultado. Talvez consiga ajudar os adultos, mas nunca uma criança."

Eu acabara justamente de terminar um grande quadro a óleo, que ainda estava convidativamente grudento. Colocara-o em cima do piano antes de ir às compras. Ao voltar notei uma nítida marca de dedos bem no meio dele. Então iniciei o interrogatório costumeiro esperando receber as respostas habituais.

"Patty?"

"Não mamãe!"

"Bobby?"

"Não, juro que não!"

"Gordon, foi você?" Houve silêncio durante um minuto.

"Gordon?"

"Sim," respondeu baixinho.

"Você fez isto?" Eu estava chocada.

A mesma resposta — "Sim". Chegou mesmo a mostrar-me a ombreira da porta onde limpava os dedos.

"O que foi que fez você admiti-lo?"

Sacudindo os ombros respondeu: "Ora, apenas fiquei pensando na lição que a senhora nos deu." Não resta dúvida, foi um grande passo na direção certa!

Uma das nossas primeiras lições de reunião familiar acentuava que cada membro da família deveria compreender que ele, ou ela, tem uma importância especial para o círculo familiar e que foi abençoado com certos talentos com os quais pode favorecer os outros. Acho que as crianças, por vezes, estão propensas a pensar que não são muito importantes e que os pais sempre assumem uma atitude bastante negativa para com elas.

Ao preparar aquela lição, detive-me a pensar sobre os possíveis talentos de cada um, e fiquei surpresa ao reconhecer minhas opiniões negativas a respeito deles. Então lembrei-me de que Gordon, meu filho mais velho, gostava de consertar coisas. Repentinamente tive uma idéia. Precisava prender com uma tira metálica a borda do linóleo da cozinha. Enquanto ele estava na escola, fiz os furos para os parafusos para que não entortassem. Mais tarde perguntei-lhe se não queria colocar a tira e prender os parafusos, já que tinha jeito para isso. Orgulhoso, ele fez o trabalho. Eu o mencionei como exemplo concreto do seu talento quando dei aquela lição. Como o menino sentiu-se importante perante os demais membros da família! A lição lhe proporcionou algo de novo em que pensar. Sempre tivera prazer consertando coisas. Agora, através do princípio explicado na lição, via que era abençoado com esse talento a fim de poder servir e tornar outras pessoas felizes. Minha idéia funcionara. Também os talentos de Patty e Bobby foram acentuados.

Certa ocasião realizei breve pesquisa entre meus vizinhos mais idosos, perguntando: "Quais as memórias agradáveis que realmente influenciaram sua vida?"

O velho sr. Smith suspirou, sorrindo com nostalgia. "Recordo-me dos jantares familiares com meus entes queridos. Faziam-nos sentir importantes e aceitos. Creio que nunca esquecerei o cheiro do pão caseiro feito por minha mãe, ou quando fazíamos puxa-puxa,

estourávamos pipoca, cantávamos velhas canções, batíamos sorvete.

Duas irmãs de meia idade que moravam juntas apreciavam recordar. "Era sempre uma emoção chegar em casa ao voltar da escola e sentir o cheiro dos biscoitos caseiros ainda quentes. Nossa casa sempre foi o centro de nossas atividades — era um lugar de reunião. Na época do Natal costumávamos todos juntos fazer feiras de pipoca para a árvore, dar caminhadas, sob o ar gélido, até às matas, para apanhar erva-de-passarinho e bagas diversas para decorar a casa."

Simples tradições, mas que transformavam a casa em verdadeiro lar. Refleti que, se as atividades familiares mantêm a família unida e proporcionam recordações duradouras, então também eu deveria começar a "formar" recordações para meus filhos.

Agora meu caminho está traçado. Exige tempo e energia, mas de alguma forma sei que serei capaz de ajudá-los e a mim própria a sentir a unidade familiar, estabelecer forte fé religiosa e aprender a necessidade da oração e as grandes bênçãos que ela nos traz. Buscando ideais sublimes, ensinar-nos-emos mutuamente pelo exemplo.

Não é uma tarefa fácil para realizar sôzinha. Às vezes, há tanto para fazer e providenciar, que me sinto por demais cansada para fazer a reunião familiar. Mas não posso desistir porque estou começando a ver os resultados.

Agora Gordon consegue falar comigo e vice-versa. É um começo maravilhoso! Às vezes se oferece para dar-me um abraço — por iniciativa própria — e permite que eu lhe dê um beijo de boa noite. Um estranho provavelmente não conseguiria compreender êsse passo avante, a não ser que tivesse visto como fôra antes. Além disso, Gordon não tem mais acessos de raiva e não é mais tão intratável com a irmã como costumava ser. No dia dos Namorados escreveu-lhe um bilhete:

"Querida Patty, eu realmente gosto de você, mas sou um menino e os garotos ficam por demais encabulados para dizer essas coisas. Com amor, Gordon."

Patty tem-se mostrado capaz de sentir a mudança de atitude para com ela. "Veja, êle gosta mesmo de mim," diz com uma piscadela.

Em virtude da intimidade desenvolvida pelas reuniões familiares entre nós, Gordon finalmente admi-

tiu suas dificuldades ao orar. "Minhas orações vão para o céu e é lá que está papai e isto me deixa tão triste que não consigo falar e fazer minhas orações." Como eu sempre tentara controlar minhas emoções, êle presumia que só êle sentia pesar. Compreendi que era uma carga grande demais para êle conseguir resolver e compreender por si só. Por isso passei a abordar deliberadamente êsse assunto na hora de dormir (coisa que até então eu evitara) e perguntava a Gordon se desejava falar sôbre o mesmo e fazer alguma pergunta. Quando compreendeu que eu sentia como êle e que a tristeza é coisa normal, nossas relações tornaram-se mais íntimas. Sinto que isso não teria acontecido sem o auxílio das reuniões familiares e as atividades e diversões planejadas que temos usufruído juntos.

Através da compreensão e da melhor comunicação mútua que desenvolvemos, finalmente cheguei a compreender por que Gordon procurava deliberadamente criar situações pelas quais seria punido e os motivos de suas explosões emocionais. Êle sentia falta do pai e desejava estar com êle, e provocar uma surra ou ansiar por sofrimento físico intolerável representava para êle o ponto mais próximo do suicídio (ou morte) a que conseguia chegar e "morte" era onde estava seu pai.

Com meu empenho de estabelecer melhores relações com meus filhos, muitos problemas foram resolvidos. Entre outros, o desempenho escolar de Gordon melhorou. Todos os três sabem intimamente que eu os amo e que também o Pai Celestial os quer. Cada um dêles sabe que é importante para os outros e para a família como um todo. Sou grata pela maravilhosa idéia da reunião familiar. Entretanto, os problemas com Gordon não desapareceram com umas poucas reuniões — levou cêrca de três anos.

Essa noite especial, uma vez por semana, fará parte das recordações maravilhosas que sempre influirão na vida dêles. Espero que algum dia, quando seus netos lhes perguntarem acêrca de seus dias de infância, êles digam, talvez com aquêle olhar nostálgico: "Ó, como recordo aquelas noites de reunião familiar e a união, intimidade e alegria que existiam na nossa família!" As experiências vividas no lar podem mesmo ser mais do que recordações podem se tornar uma presença viva através dos anos.

# Como Utilizar Registros



## e Relatórios

**Delbert L. Stapley**  
do Conselho dos Doze

**U**ma definição da palavra registro diz: "Anotar de forma permanente; guardar como memento." Outra: "transcrever para uso futuro."

As mensagens dos profetas nos lembram que, entre o povo de Deus os registros têm dois propósitos fundamentais:

1. Ajudar as pessoas a se desenvolverem espiritualmente e a progredirem em direção da imortalidade e da gloriosa vida eterna.

2. Servir de instrumento nas mãos de servos escolhidos de Deus para julgamento das pessoas sob sua jurisdição.

Alguns dos maiores profetas foram escritores e compiladores de registros, inclusive Moisés, Samuel, Isaías, Néfi, Mórmon, Moroni, João e Paulo.

Através das eras os registros têm sido duradouras vias de comunicação entre os profetas de Deus e seus povos. Por meio deles os povos têm sido levados a um melhor conhecimento do Senhor; aprenderam sua vontade divina, seus planos e marcos indicadores para a jornada pela senda alegre que os levará de volta à sua presença. É muito importante acentuar êsse assunto da comunicação. Com boas vias bidirecionais de comunicação, abertas e em funcionamento, torna-se possível evitar pontos fracos e melhorar os fortes.

Mas os registros são mais do que roteiros para nos elevar aos céus. Isto nos leva ao segundo dos propósitos fundamentais: servir como instrumentos nas mãos de servos escolhidos de Deus para julgar as pessoas sob sua jurisdição:

O Senhor declarou a Néfi: "Porque ordeno a todos os homens... que escrevam as palavras que lhes falei; porque, pelos livros que forem escritos, julgarei o mundo, cada um de acôrdo com as suas obras, conforme o que está escrito." (2 Néfi 29:11)

Nesta dispensação, o Senhor falou do papel dos registros no julgamento: "... e abriu-se um outro livro, que era o livro da vida; mas os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras... E o livro que é o da vida é o registro que se faz nos céus..." (D&C 128:7)

Por isso os registros foram importantes para o povo de Deus através de todos os tempos e são importantes no presente. São vitais para todos que ocupam cargos de liderança na Igreja, para auxiliar as pessoas em sua busca da vida eterna e para prestar assistência no juízo e julgamentos no reino.

Nunca deverá ser esquecido que na Igreja os re-

gistros jamais foram a meta ou produto final, sejam os antigos ou os restaurados. Têm servido antes como instrumentos para o desenvolvimento individual e portanto, para a edificação do reino de Deus.

Os registros são passivos; os relatórios são, ou deveriam ser, vivos e vibrantes. Notem uma das definições de relatório: "Relato de algo visto, ouvido, lido, feito ou considerado." Vejam que todos os verbos exprimem ação. Outra definição diz: "Um relato redigido em termos oficiais, geralmente por escrito."

Os relatórios precisam ser completos, acurados, legíveis, limpos e entregues pontualmente; devem ainda proporcionar informações que permitam tomar decisões válidas. Isto diz respeito também às cópias de anotações, minutas, relatórios estatísticos e outros, que são preparados pelos secretários e distribuídos aos oficiais administrativos para estudo e consideração.

Os relatórios devem conter informações sobre fatores que produzirão ação por parte dos líderes que os recebem. Deverão apresentar da melhor forma possível o assunto em pauta.

Os relatórios devem ser submetidos aos oficiais administrativos dos ramos, alas, estacas e missões de toda a Igreja, e devem ser usados por esses mesmos oficiais. A esses líderes cabe a responsabilidade de providenciar que os relatórios sejam confeccionados corretamente.

Cabe também à autoridade presidente a responsabilidade de, em todos os casos, selecionar e treinar os que agirão baseados nos relatórios, bem como aqueles que devem prepará-los. O bom líder sabe que se ele desenvolver seus associados, ele próprio tornará-se mais forte.

Ainda maior atenção será dada pelas Autoridades Gerais à seleção dos oficiais administrativos e secretários de estaca ao serem escolhidos, apoiados e designados. A responsabilidade de cada um no tocante a relatórios será salientada por ocasião do chamado. O bom líder inspira homens e mulheres a nele depositarem sua confiança; o grande líder os inspira a ter confiança em si próprios.

Depois da seleção adequada, orientada pela oração, os secretários de estaca escolhidos treinarão seus assistentes, e juntos com estes, passarão a treinar os secretários das auxiliares e dos quoruns do Sacerdócio, bem como os das alas e respectivos assistentes. Os secretários de ala, por sua vez, treinarão seus assistentes e os secretários dos quoruns do Sacerdócio e auxiliares da ala. Quanto melhor informados estiverem esses importantes colaboradores, melhor trabalho poderão fazer, e o tempo dispendido no treinamento dessas pessoas para o adequado desempenho de suas tarefas será recompensado pela obtenção de melhores relatórios que habilitarão os oficiais administrativos a fazerem um trabalho melhor.

Os bons relatórios focalizam as áreas deficientes que necessitam de atenção e também apontam as mais fortes. O líder pode averiguar se uma unidade está progredindo ou retrocedendo, se as pessoas sob sua jurisdição estão-se desenvolvendo espiritualmente ou declinando em espiritualidade. Relatórios acurados revelam a direção encetada pela organização; é preciso enfatizar continuamente a confecção correta dos relatórios e

certificar-se de que são submetidos antes ou na data devida. Os relatórios devem ser revisados cuidadosamente, os comentários colocados no espaço adequado. Isto é a melhor evidência de que foram estudados e devidamente utilizados.

O líder capaz usa os relatórios como o marinheiro usa sua bússola: para verificar a rota e precisar a direção que está tomando. Os bons relatórios podem ser os olhos do administrador para observar o progresso nas diversas frentes da Igreja que estão sob sua responsabilidade. O líder eficaz estudará e revisará os relatórios cuidadosamente. Ao estudar um bom relatório, verá cifras e dados estatísticos criarem vida, e em lugar de números notará que João Silva não se graduou na Primária, nem foi ordenado ao Sacerdócio Aarônico, e muito menos está freqüentando as reuniões da A.M.M.

O líder bem informado pode aconselhar devidamente o seu rebanho. Poderá ser preciso ao elogiar alguma realização meritória e encorajar adequadamente nos casos que necessitam de melhoria ou que requerem modo de agir mais apropriado.



Os líderes locais devem estudar os relatórios diligentemente. Devem dispor de fatos e cifras sempre que fôr preciso. Seria bom ter em mente o seguinte adágio: "A liderança filtra-se de cima; ela não borbulha do fundo para cima."

Por meio de bons registros e relatórios o líder consegue avaliar seu próprio desempenho. Poderá comparar o desempenho atual da sua gente com o do mês passado, do ano passado, ou mesmo com o de dois ou mais anos atrás. Alguém afirmou: "Nada é bom ou mau, exceto por comparação." É melhor ser seu próprio crítico severo e fazer comparações consigo e seus próprios padrões do que com os dos outros. Eis aqui algumas áreas de comparação: O Evangelho ensina o progresso eterno. Qual o progresso dos membros da Igreja sob a minha jurisdição? Qual a porcentagem que ago-

ra freqüente as reuniões sacramentais em comparação a um mês atrás? Um ano atrás? Dois anos? Qual a porcentagem dos membros adultos qualificada para receber recomendações para o templo? Que direção está tomando nossa porcentagem de jovens que freqüentam seminários e institutos? Isto são meros exemplos; os relatórios adequadamente compilados revelarão muito mais itens importantes.

Os relatórios estatísticos representam as ações de indivíduos e devemos ter sempre em mente que o que importa é o nosso cuidado com os filhos de Deus e não a cifra que aparece no relatório.

Existem outras considerações importantes nas vidas dos indivíduos e que preocupam o líder mas que não afetam registros e relatórios; contudo êstes são padrões necessários usados continuamente para avaliar realizações ou desempenho.

O líder que guia sem lançar mão de seus registros e relatórios é semelhante ao piloto que voa sem instrumentos. Deveria consultar os rumos mostrados pelos relatórios e perguntar por que. Só então poderá tomar



as medidas necessárias para fortalecer uma situação ou situações.

O líder eficiente e dedicado estabelecerá metas para si próprio. Após determinar, através do estudo dos relatórios, qual o rumo tomado por sua organização em certas áreas de desempenho, poderá pesar para onde quer ir, ajudando sua gente a crescer espiritualmente.

Consultando relatórios escritos, o líder poderá revisar, numa base mensal contínua, o extenso quadro de todos os programas da Igreja na sua busca de exaltar o homem. Registros e relatórios ajudam o líder avisado a manter o programa bem equilibrado e relacionado.

No plano divino das coisas o indivíduo é supremo. Os programas da Igreja e os relatórios de seu funcionamento destinam-se a ajudar cada um dos membros da

Igreja a desfrutarem uma vida mais significativa, aqui e no além. Isto será realizado à medida que melhorarmos nossas vias de comunicação; o trabalhador bem informado é mais eficiente.

Os relatórios das diversas atividades da Igreja reúnem-se na interseção da mesa de trabalho do bispo. Sob a correlação do Sacerdócio o bispo se torna mais interessado nos indivíduos do que em programas, embora os programas da Igreja sejam vitalmente necessários. Ele mostrar-se-á mais interessado em preencher suas necessidades e em ajudá-los a tomar o caminho dos céus do que em apresentar relatórios estatísticos favoráveis. Examinará os relatórios em termos do que as atividades em sua ala estão fazendo pela edificação dos seus membros. Estudará as cifras como símbolos de almas. Investigará para além desses símbolos, dentro das vidas das pessoas a quem deve guiar por força do chamado que recebeu. Bons relatórios são consequência de boa atividade; bons relatórios refletem o desempenho de membros dedicados.

O bispo sábio usará os relatórios como um guia para suas avaliações orais com seus líderes do Sacerdócio. Utilizá-los-á para os debates nas reuniões do executivo e conselho da ala. Lançará mão dos relatórios para investigar sobre determinadas famílias, tanto ativas como inativas. Usará seus números para ajudá-lo, e a seus auxiliares, a tomar as medidas necessárias para edificar as almas.

Da mesma forma, o presidente da estaca desejará investigar, junto a seus bispos e líderes do Sacerdócio, para além dos respectivos relatórios. Desejará saber de que forma cada um dos bispos cumpre sua responsabilidade de planejar e preencher as necessidades dos membros de sua ala: Os Representantes Regionais igualmente examinarão a maneira pela qual o presidente da estaca trabalha com seus bispos servindo sua gente.

Também as Autoridades Gerais, ao se reunirem com os Representantes Regionais dos Doze, querem saber como os programas estão ajudando as pessoas.

Mas em todo êsse empenho de edificar as almas, o tempo talentos e energias do líder serão muito mais produtivos se êle estudar, interpretar e utilizar com sabedoria os relatórios. E êstes lhe serão muito mais úteis se forem acurados, completos e pontuais. Por isso o líder capaz escolherá pessoas capacitadas para a confecção dêles. Providenciará para que sejam treinados e que compreendam perfeitamente o seu dever.

Na verdade, o principal propósito dos registros e relatórios é ajudar todo homem e toda mulher a crescerem através do conhecimento de Jesus Cristo e a seguirem o plano dêle em busca da perfeição e da vida eterna. Moroni, um dos grandes compiladores de registros na causa do Senhor, ao selar seus escritos deu-nos o seguinte conselho:

“Sim, vinde a Cristo, sêde perfeitos nele e negai-vos a tôdas as impurezas; e, se vos negardes a tôdas as impiedades e amardes a Deus com todo o vosso poder, com toda a vossa alma e com tôdas as vossas forças, então sua graça vos será suficiente e por sua graça podereis aperfeiçoar-vos em Cristo...” (Moroni 10:32)

Oro que o Senhor nos abençoe para que sejamos capazes de cumprir nossas tarefas.

# Joseph Smith e Sua Família

Albert Zobell Jr.

Provavelmente qualquer um dos rapazes da Escola Dominical saberá contar a história das três visitas do anjo Moroni ao profeta Joseph Smith, nas noites de 21 e 22 de setembro de 1823, e como o jovem Joseph sentiu-se mal enquanto trabalhava ao lado do pai na manhã seguinte e voltou para casa. Ao tentar pular uma cerca, êle caiu e o anjo ordenou-lhe que voltasse e contasse ao pai o que havia ocorrido na noite anterior. Sua mãe Lucy Mack Smith, em seu livro, "History of Joseph Smith", acrescenta certos detalhes. Quando a família se encontrava reunida naquela noite, Joseph contou-lhes tudo o que já relatara ao pai lá no campo e sua visita ao monte Cumorah, onde Moroni lhe mostrara os registros do Livro de Mórmon, embora lhe proibisse levá-los naquela ocasião.

Sentindo que Joseph estava fatigado pelos acontecimentos daquele dia, seu irmão mais velho, Alvin, sugeriu: "Agora, mano, vamos dormir e amanhã levantaremos cedo, a fim de podermos terminar nossas tarefas antes do pôr do sol, e então, se mamãe preparar o jantar mais cedo, teremos um belo e longo serão e todos nós nos sentaremos juntos para ouvi-lo contar as grandes coisas que Deus lhe revelou."<sup>1</sup>

Na noite seguinte Joseph informou sua família de que as experiências dêle, no momento, deveriam ficar restritas ao círculo familiar. Depois relatou mais detalhes da obra da qual fôra encarregado e seus familiares receberam tal notícia com prazer.

Joseph continuou a receber instruções do Senhor, e dali por diante seus pais passaram a reunir os filhos todas as noites para ouvi-lo falar. Mãe Smith conta:

"Suponho que nossa família apresentava um aspecto extremamente singular, diferente de todas as que já existiram na terra — todos sentados em círculo, pai, mãe, filhos e filhas, dando a mais profunda atenção a um rapaz de dezoito anos que nunca lera a Bíblia inteira; entre os irmãos, êle parecia o menos inclinado à leitura, preferindo a meditação e o estudo profundo.

"Agora estávamos convencidos de que Deus estava prestes a revelar algo... que nos daria um conhecimento mais perfeito do plano de salvação e da redenção da família humana. Isto nos causou grande regozijo, a mais doce união e felicidade impregnava nosso lar, reinava a paz em nosso meio.

"Durante essas nossas conversas à noite, Joseph às vezes nos apresentava alguns recitais dos mais divertidos que se pode imaginar. Descrevia os antigos habitantes do nosso continente, seus trajes, maneira de viajar e os animais de montaria de que se utilizavam; suas cidades, suas construções com todos os detalhes; sua forma de guerrear e também seus cultos religiosos. Êle o fazia com a maior naturalidade como se tivesse passado uma vida inteira entre êles."<sup>2</sup>

O élder Eldred G. Smith, patriarca da Igreja e tetravô do pai do Profeta, Joseph, disse: "Isto parece como a primeira reunião familiar desta dispensação," ao falar na 137.ª conferência geral semi-anual da Igreja.<sup>3</sup>

1. Lucy Mack Smith, *History of Joseph Smith* (Salt Lake City, Stephens and Wallis, 1945, p. 81)

2. Id. p. 82-83

3. *The Improvement Era*, dezembro de 1967, p. 82.

# Realizar o Que o Senhor Requer



Excertos da obra "Heber J. Grant — Highlights In the Life of a Great Leader" p. 176-178, com permissão do autor Bryant S. Hinckley.

**H**eber J. Grant conta o seguinte episódio de sua juventude:

"Recordo-me de que certa ocasião, quando eu era jovem, tinha cinqüenta dólares no bolso que pretendia depositar no banco. Quando, na manhã de quinta-feira, fui à reunião de jejum — naquela época essa reunião era realizada às quintas-feiras em vez de no domingo — o bispo fez um apêlo por doações; levantei-me e entreguei-lhe o dinheiro. Ele tirou cinco dólares, colocou-os na gaveta e restituiu-me os outros quarenta e cinco, dizendo que aquilo representava a minha parte.

"Disse-lhe então: 'Bispo Woolley, com que direito me impede de tornar o Senhor meu devedor? Não aca-

bou de afirmar que Deus dá sua recompensa em quádruplo? Minha mãe é viúva e necessita de duzentos dólares.'

"Respondeu: 'Meu rapaz, você acredita que se eu aceitar os outros quarenta e cinco, você conseguirá os duzentos mais depressa?'

"Afirmei: 'Certamente.'

"Após a reunião de jejum, ao dirigir-me ao local onde trabalhava, repentinamente tive uma idéia. Mande um telegrama a certo homem perguntando-lhe quantos títulos de certo tipo ele compraria a um determinado preço, no prazo de quarenta e oito horas, permitindo-me sacar contra ele através do banco Wells Fargo. Eu não conhecia essa pessoa, nunca lhe dirigira a palavra

em tôda a minha vida, mas o vira uma ou duas vêzes nas ruas de Salt Lake.

"Respondeu-me por telegrama que compraria tantos quantos eu conseguisse arranjar. Meu lucro nessa transação foi de \$218.50.

"No dia seguinte procurei o bispo e disse: 'Bispo, ganhei \$218,50 depois de fazer aquela doação de \$50.00 dias atrás, portanto devo \$21.85 de dízimo. Terei que arranjar a diferença entre \$21.85 e \$18.50. O Senhor não me deu todo o dízimo, apenas quadruplicou o meu capital.

"Alguém talvez diga que isto teria acontecido de qualquer forma. Eu não penso assim. Não creio que eu tivesse mandado aquêle telegrama.

"Sinto em meu coração que, como santos dos últimos dias, progredimos financeira e espiritualmente e sob todos os outros aspectos quando cumprimos nosso dever. Quando somos obedientes aos mandamentos do Senhor, generosos com nosso tempo e bens, crescemos no espírito e testemunho do Evangelho, e não creio que nos tornemos mais pobres. Tenho a firme convicção de que o Senhor abre as janelas do céu quando cumprimos nosso dever financeiro, cobrindo-nos de bênçãos de natureza espiritual que possuem muito maior valor do que as coisas temporais. Mas creio que êle também nos dá bênçãos de natureza temporal."

#### **Néfi — "Uma das minhas Estrêlas Guia"**

O presidente Grant exercia grande atração sôbre os jovens porque sua vida era uma demonstração daquilo que pregava. A seguinte admoestação dirigida à juventude é um bom exemplo:

"Sonhai, ó jovens; sonhai nobre e varonilmente, e vossos sonhos tornar-se-ão vossos profetas.

"Se tendes ambições, sonhai com o que desejais realizar e então basta pôr mãos à obra e trabalhar. Sonhar acordado, sem trabalhar, não resulta em coisa alguma; o trabalho genuíno é o que conta. A fé sem obras é morta, como é morto o corpo sem espírito, assim nos diz Tiago. Existe muita gente que tem fé, mas faltam-lhes as obras, e eu creio nas pessoas que possuem ambas as coisas e se dispõem a trabalhar.

"O Senhor abrirá o caminho para aquêles dentre vós que têm resoluções meritórias, para que possam realizar a tarefa. Em todo o Livro de Mórmon não existe outra passagem que tenha provocado mais profunda impressão sôbre meu coração, minha alma e meu ser, do que a declaração de Néfi quando foi a Jerusalém, em companhia dos irmãos, para buscar as placas de latão. Quando foram mal sucedidos e seus irmãos queriam voltar ao acampamento paterno no deserto... êle afirmou-lhes que sabia que o Senhor não pede nada ao homem sem antes abrir o caminho pelo qual isto... possa ser realizado... Li o Livro de Mórmon quando ainda era jovem e vim a admirar Néfi mais do que a qualquer outro personagem da história sagrada ou profana, exceto o Salvador do mundo... Êle tem sido uma das minhas estrêlas guia."

#### **Uma Definição de Sucesso**

Em 1897, Heber J. Grant, redigiu a seguinte definição de sucesso: "Pessoa realmente bem sucedida não é aquela que apenas consegue juntar fortuna, e ao fazê-lo embota os sentimentos naturais do coração dêle escorraçando o amor de seus semelhantes, mas sim aquela que vive de tal maneira que as pessoas que a conhecem melhor sintam amor por ela; e a quem Deus, que conhece não sômente suas ações mas também os mais íntimos sentimentos, possa amar; sômente a respeito de tal pessoa — a despeito de que possa morrer na pobreza — pode-se afirmar realmente, sem errar, que deveria ser coroada com a opulência do sucesso.

"Asseguro-vos plenamente convicto que a lei do sucesso, aqui e no além, é possuir um coração humilde e devoto e trabalhar, trabalhar, trabalhar.

"Não creio que o homem, seja qual fôr, chegue a atingir seus ideais, mas se nos esforçarmos com todo o empenho por progredir dia a dia, então estaremos cumprindo nosso dever. Se procurarmos emendar nossos defeitos, vivendo de tal maneira que possamos rogar a Deus que nos dê conhecimento e inteligência, e acima de tudo, o seu espírito, então conseguiremos superar nossas fraquezas. Então, isso vos afirmo, estaremos palmilhando o caminho estreito e apertado da vida eterna. Então não precisaremos temer. Não tenho medo de que alguém possa injuriar-me, mas sim que talvez eu não seja tão diligente e fiel como deveria ser; tenho medo de falhar, não usando todos os talentos que Deus me deu da maneira como deveria fazê-lo"



# Rumo à Lua!

William F. Sikes

**O** objeto longo, pontiagudo, subiu como um raio em busca do espaço. Ao observá-lo, a transportar sua carga humana em direção aos astros, veio-me à mente uma antiga e meio-esquecida história, uma história que parecia imersa em fantasia — uma lenda quimérica, mas que reclama seu lugar na gênese da história terrena do homem.

“Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo topo chegue até aos céus, e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra.

“Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam;

“e disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo: **agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer.**” (Gên. 11-4-6. Grifo pelo autor)

O homem é uma criatura irrequieta, insatisfeita, impaciente, um gigante mental. Sobre ele lemos meio temerosos: “... agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer.” Não conseguimos crer que a ima-

ginação do homem terminará na superfície lunar ou marciana, ou na de qualquer outro astro do sistema solar. E se assim fôr, onde se deterá?

Para o santo dos últimos dias, cujos ensinamentos lhe dizem que algures lá fora, em alguma parte próxima ao astro Kolob está o trono de Deus, as possibilidades criadoras da imaginação humana dão maior testemunho de que êle é realmente um filho de Deus e que, como tal, aparentemente nada lhe será impossível. Como filho dêsse Pai, o homem vibra com o conhecimento de que o espaço está repleto de reinos de Deus e que, se fôr fiel, tudo o que seu Pai possui será partilhado com êle.

Abraão viu êsses reinos e declarou: “E vi as estrêlas, que eram muito grandes, e que uma delas estava mais próxima ao trono de Deus; e havia muitas grandes estrêlas que estavam próximas dêle;

“E o Senhor me disse: Estas são as que regem; e o nome da grande é Kolob, porque ela está próxima de mim, porque Eu sou o Senhor teu Deus; coloquei esta para reger tôdas as que pertencem à mesma ordem dessa sôbre a qual estás.” (Abraão 3:2-3)

Em outras palavras, Abraão viu que esta terra pertence a uma cadeia contínua, conectiva de estrêlas dominantes que se estende pelo espaço até alcançar o trono de Deus, próximo a Kolob, o grande astro regente, destinado a governar tôdas as estrêlas e planetas pertencentes à ordem da qual faz parte a terra. Embora Deus, que sustenta tôdas essas coisas com o seu poder, seja um personagem real, ocupando um único lugar de cada vez e tenha um local de poder administrativo a partir do qual tôdas essas coisas são governadas, êle está tão intimamente relacionado com o homem nesta terra, que lhe aparece e lhe fala face a face assim como os homens conversam entre si.

O Senhor disse: "Ora, se existem duas coisas, uma acima da outra, e a lua está acima da terra, então pode ser que haja um planeta ou uma estrêla acima dela; e não há nada que o Senhor teu Deus proponha em seu coração fazer que não fará." (Abraão 3:17)

Uma vez que o homem é filho de Deus, também dêle poderá ser dito que não existe nada que êle "proponha em seu coração fazer que não fará." Àqueles que queiram sugerir que o homem não pode atingir o pínaculo da sua criatividade, que esta vida, com suas pretensas limitações, lhe oferece sòmente a porta cerrada da morte, uma fotografia de um míssil gigantesco arremessando-se aos céus poderá servir de lembrete de que a vida é eterna, que o progresso do homem poderá ser tão ilimitado como o próprio espaço:

Quando Deus disse que "é rico aquêle que tem a vida eterna" (D&C 6:7), afirmou algo em que todos os homens podem acreditar pelo raciocínio e entender melhor à medida que o espaço começa a desvendar seus segredos aos que exploram sua vastidão. E se o homem mortal consegue chegar a tal ponto, o que dizer do futuro quando se reunir aos imortais e chegar a aprender com o Grande Explorador todos os segredos do universo?

Não nos alinhamos ao lado dos que desejam questionar as vantagens imediatas obtidas pelo devassamento dos segredos acima e além da terra. Nem tampouco precisamos preocupar-nos com a futura colonização da Lua ou outros corpos celestes que possam ser incluídos no nosso programa espacial. Se o povoamento de outros corpos celestes não fôr dado ao homem mortal, então podemos indubitavelmente deixar isto ao contrôle das mãos de Deus.

O que parece importante para nós é que conduzamos nossa vida segundo os padrões estabelecidos por nosso Pai nos céus, para que essas grandes realizações espaciais possam ser nossas por tôda a eternidade. Então, na verdade, poder-se-á dizer de nós, quando começarmos a construir nossa cidade e nossa tôrre, "agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer."



**J**ames pulou apressado do carroção quando seu pai fêz os cavalos pararem no lugarejo de New Town. Seus irmãos mais velhos, Paul e Hester, desceram também, postando-se ao lado dêle. Aquela seria a última visita a vila antes do Natal e portanto a derradeira oportunidade para comprar os presentes natalinos.

## PÁGINA DAS CRIANÇAS

Extraído do "Children's Friend"

# UM PRESENTE MUITO ESPECIAL

Bernardine Beatie



"Estejam de volta em uma hora," ordenou o pai, enquanto prendia a parelha. "Ouviram?"

"Sim senhor," respondeu James. Ele sabia que o pai estava preocupado por deixar a mãe sôzinha na fazenda com a Sra. Fowler, embora ela ficasse a repetir que tudo daria certo.

"Vocês não precisam se apressar," dissera ela,

deitada na larga cama colocada junto à janela do quarto de dormir para que pudesse olhar o que se passava lá fora. Depois sorriera com tanta doçura que tôda a sua face se iluminara. Só de lembrar-se dela James sentia-se reconfortado. Ele sabia que a mãe era a mulher mais corajosa do mundo; ela não se queixara uma única vez desde o acidente. James estremeceu recordando como

êle e seus irmãos ficaram assustados quando, pouco depois dos pais terem partido para a vila certa manhã, o pai voltara manquejando com a mãe no braços. O rosto dela estava lívido de dor, mas ainda assim sorria.

"A parelha disparou fazendo o carroção tombar," foi a explicação sumária do pai, mandando Paul em busca do médico.

Depois que a mãe soube que deveria ficar de cama durante alguns meses, sua única preocupação fôra que isto significava mais trabalho para todos.

Os dedos de James fechavam-se sôbre as moedas que levava no bolso ao seguir atrás de Paul e Hester para o empório do Sr. Wilson. Quisera dispor de mais dinheiro, pois queria comprar um presente maravilhoso, reluzente nesse Natal para mamãe.

O dono da loja estava atrás do balcão, girando uma chave no lado de uma pequena caixa. "Bom dia," disse e depois colocou a caixa em cima do balcão, sorrindo ao ouvir a melodia tilintante, enquanto duas minúsculas figuras no topo da caixa volteavam vagarosamente.

"Uma caixa de música!" murmurou James excitado, os olhos arregalados, voltando-se para Paul e Hester. "Igual à que mamãe tinha quando era criança. Ela nos falou, lembram-se? Só que a dela parecia uma casinha e tinha uma menininha em cima — uma menina vestida de azul."

Hester e Paul concordaram e James voltou-se contente para o dono da loja. Êste seria o presente perfeito para mamãe! Mas quando o proprietário informou o preço, os olhos de James se arregalaram. Nunca vira tanto dinheiro em tôda a sua vida!

Que melodia doce, pensou James, como o canto de uma avezinha. Mamãe a adoraria! Sûbitamente, teve uma idéia — êle mesmo faria uma caixa de música como presente de Natal para a mãe — uma caixa de música tôda especial. James era muito jeitoso para essas coisas. Todo mundo vivia elogiando os bichinhos que fazia com restos de noqueira curada que o pai guardava para êle.

Enquanto Hester e Paul escolhiam seus presentes. James perambulava pela loja examinando o conteúdo das prateleiras. Finalmente o Sr. Wilson acercou-se para atendê-lo.

"Bem, James, o que posso fazer por você?"

James apontou para três latinhas de tinta, um pincel e uma caixa de ferramentas para madeira. Ouviu Hester reter o fôlego, desaprovadamente.

"Você devia comprar um presente para mamãe e não para você próprio," sussurrou aborrecida.

"Isto é para fazer o presente para mamãe," explicou o menino.

"Pois sim!" comentou Hester, balançado a cabeça.

"Boa desculpa!" zombou Paul. "Há muito tempo já que você queria algumas boas ferramentas para trabalhar madeira."

"Esperem só! Esperem até o Natal!" gritou James. Seu coração se confrangeu quando viu que nenhum dos dois lhe dava crédito.

O pai estava esperando ao lado da carroça. "Vocês encontraram presentes bonitos para mamãe?" indagou.

"Paul e eu sim," respondeu Hester, "mas James —"

"Deixe o James em paz, Hester," interrompeu Paul "Êle é ainda muito criança."

James subiu no carroção, queria explicar que pretendia fazer uma caixa de música igualzinha à que mamãe possuira, mas sabia que o resultado seriam risos e chacotas. Mas êle haveria de mostrar-lhes!

Dali por diante James aproveitava todo momento disponível para trabalhar no presente da mãe. A casinha não foi difícil de fazer, mas esculpir a menininha de braços abertos apresentou tantas dificuldades que mais de uma vez esteve a ponto de desistir. Fêz diversas tentativas mas nenhuma o satisfez. Finalmente acabou uma figura e decidiu que serviria.

Paul e Hester estavam curiosos, mas James trabalhava em segrêdo, mantendo seu presente bem escondido. Enfim ficou pronto e pintado.

No dia de Natal, James levantou-se ao amanhecer; encheu a casinha com sementes que escorriam por uma abertura para o pequeno alpendre provido de uma cerquinha. Mais tarde, enquanto o pai carregava a mãe para o sofá na sala de estar, James correu lá fora pendurando a caixa de música num galho do grande carvalho junto à janela do quarto da mãe. Ao voltar apressado, o pai já havia acendido as velinhas da árvore de Natal, pronto para chamar os nomes indicados nos pacotes contendo presentes.

Todos riam e tagarelavam ao abrí-lo e James sentia-se por demais excitado com seu nôvo trenó e grande caixa de massa de modelagem para preocupar-se com o que a mãe pensaria de uma caixinha de música que não funcionava.

"Onde está o seu presente para mamãe, James?" gritou Hester quando todos os pacotes já tinham sido desembulhados.

"Venham ao quarto de mamãe," respondeu. Estava com o coração na bôca ao correr na frente dos outros



a fim de postar-se junto à janela. Ali, pendurado num dos galhos da árvore, balançava suavemente a casinha amarela, a pequena figura de menina vestida de azul parecia quase viva.

James ouviu os outros entrarem, ouviu o ranger de molas quando o pai colocou a mãe sobre a cama.

"Vejam!" gritou Hester. "É uma casinha. Como é bonita!"

Enquanto James esperava a mãe falar, um cardeal desceu esvoaçando, pousou na varanda da casinhola e começou a comer as sementes.

"É um comedouro para pássaros!" exclamou Paul.

Então ouviu-se a voz da mãe. "Não," disse suavemente. "É mais do que isso — é uma caixinha de música igual à que eu tinha quando ainda menina."

James voltou-se rapidamente. "A senhora lembrou-se mamãe!" gritou feliz e então acrescentou: "Eu — eu sinto muito mas não consegui fazê-la tocar."

"Mas ela toca!" exclamou a mãe. "Ouçam!"  
O cardeal erguera a cabeça cantando alegremente. Repentinamente todos estavam rindo, um riso caloroso, feliz, e James era o mais feliz de todos.





# O TOUCADOR CÔR-DE-ROSA

VÉSPERA DE NATAL NA MANHÃ SEGUINTE SÓ HAVIA UM

Wendell J. Ashton

**E**sta noite, ao olhar a cidade lá embaixo, pela janela da nossa sala de estar, vejo que a brilhante iluminação natalina das casas já foi quase que totalmente encoberta pelo manso cair dos flocos de neve. Quando o céu noturno ainda estava límpido, a cidade parecia um grande e reluzente porta-jóias.

Fiquei a meditar sôbre os Natais de minha vida — mais de meio século.

Um dos mais memoráveis foi aquêle que, na ocasião, não chegou a me afetar muito pessoalmente. Mas isto modificou-se com o passar dos anos.

Eis a história, conforme a recordo:

Meu pai administrava uma empresa de materiais de construções naquela época. Vivíamos numa casa de tijolos avermelhados de dois andares, de telhado em ponta, nos arredores da cidade. Minhas duas irmãs mais novas ocupavam um quarto no segundo pavimento; uma delas tinha nove anos, a outra, seis. As janelas do quarto delas dava para a garagem e a entrada de carros.

Meus pais haviam planejado presentear as duas filhas mais novas com toucadores côr-de-rosa, com espelho e diversas gavetas. Um marceneiro com oficina próxima à loja de papai foi encarregado de fazer os toucadores de "brinquedo."

Essas peças seriam uma verdadeira surpresa para as duas meninas.

Ao aproximar-se o dia de Natal, as duas irmãs lourinhas conversavam esperançosamente sôbre o que eventualmente receberiam na mais maravilhosa data do ano. Bonecas? Um par de patins para uma, e talvez um trenó para a outra? Um vestido novo ou camisola? Um jogo para diversão familiar ou um conjunto de louça de brinquedo?

Enfim chegou a véspera do Natal — a noite em que todos nós, seis irmãos, dormíamos muito pouco. O carro de papai passou pela entrada já noite fechada. Quando ouviram a batida da porta do carro, as duas garotinhas de olhos arregalados comprimiram o nariz contra a vidraça da janela que dava para a entrada de carros. Con-

seguiram vislumbrar algo rosado dentro ou em cima do carro. Excitadas, voltaram para a cama.

Lá em casa era costume as crianças formarem uma fila na manhã do dia de Natal, entrando na sala de estar ao sinal da mãe. Ali ficava a árvore de Natal; os presentes espalhavam-se pelo chão e pelas cadeiras.

Entre duas delas aparecia o toucador côr-de-rosa, com um espelho reluzente. Sentia-se o doce aroma do pinho e o cheiro de tinta fresca. O toucador, além de lindo, tinha um cheiro bom.

Mas havia só um toucador.

Minha mãe puxou as meninas para junto dela, e comovida explicou:

"Eram dois toucadores côr-de-rosa, um para cada uma. Mas ontem à noite papai lembrou-se da família de uma viúva, imaginando como seria o Natal deles. Ela também tem duas filhinhas. Então papai decidiu levar-lhes um dos toucadores. Este aqui é para vocês duas partilharem."

Elas o partilharam em seu quarto durante cerca de 15 anos. Juntas brincaram com êle. Uma delas guardava seus lenços e meias numa das gavetas, a segunda ocupava a outra.

Aquêle Natal foi há uns 40 anos. Minhas irmãs, agora já mães de família, continuam a partilhar o toucador, o mesmo fazendo as filhas delas. Suas mães lhes contaram por que êle é tão especial.

Durante alguns anos o toucador ficou numa casa de brinquedo no subsolo da casa de uma das minhas irmãs. Sempre o encontramos lá quando nos reunimos na época do Natal.

Recentemente, uma delas me disse: "Nós duas temos sido tão íntimas durante todos êsses anos, e aquêle toucador côr-de-rosa ajudou a nos tornarmos mais unidas ainda — e também a nossas filhas."

O toucador côr-de-rosa fez muito por mim e minhas crianças. O mesmo fez o outro. Não me deixa esquecer que as coisas que nos dão mais alegria na vida são aquelas das quais desistimos.

# A BÚSSOLA DO CARÁTER

Mabel Jones Gabbott

**S**e vocês vivem há dez ou onze anos, ou mesmo há oito ou nove, sabem que vivemos num mundo perigoso. Não me estou referindo a florestas impenetráveis onde é fácil ficar perdido, ou a um vasto deserto sem trilha, onde não existe um caminho para seguir. Falo dos perigos da vida cotidiana. Sem o menor aviso podemos nos perder nos pântanos da rudeza, atolados na negligência, ou nos desviarmos do caminho da abnegação e da bondade.

Eu encontrei um guia, que talvez os possa ajudar. Meu guia assemelha-se a uma bússola; a agulha magnética aponta sempre para o norte. Nessa bússola a estrela polar é a BONDADE — a chave mestra para a conduta, o guia em qualquer pântano ou atoleiro.

Quando me perco nos pântanos da negligência e jogo minha bola e brinquedos num canto, largo os sapatos onde os tirei e mesmo espalho minhas roupas pelo chão — ali está a agulha da minha bússola apontando para o norte: seja bonzinho. É falta de consideração da minha parte deixar minhas coisas largadas por aí para que mamãe, papai ou minhas irmãs guardem! É também falta de consideração minha quando desarrumo a casa! "Faça as coisas certas, "diz minha bússola." "Ponho às coisas no seu devido lugar!"

Um dos maiores perigos em minha vida é essa questão de controlar minha língua. Durante as partidas de futebol na escola ou clube, quando começo a pensar que o goleiro é um "frangueiro", que o juiz está roubando ou o treinador interfere demais, sou obrigado a lembrar-me constantemente da minha bússola. Bondade, gentileza — lembram? Provavelmente o goleiro está fazendo o melhor que

pode. Dir-lhe-ei uma palavra amável. O juiz precisa de um amigo, vou encorajá-lo. Farei a coisa certa.

Nunca haverá necessidade de eu dizer algo que possa ferir os outros. Mas tenho grande dificuldade de lembrar-me disso. Por exemplo, Roberto acabara de montar um aviãozinho modêlo. Estava todo orgulhoso quando mo mostrou. Antes de eu poder consultar minha bússola, observei: "Muito bem. Mas você devia ver o modêlo que Francisco fez." Tarde demais! Meti os pés pelas mãos. Não havia necessidade de ferir Roberto, mas na próxima vez darei atenção à minha bússola. Direi a coisa certa.

A rudeza é outro perigo que às vezes me passa uma rasteira. A bondade me fará superar os obstáculos se eu conseguir me lembrar dela — por exemplo, lembrar-me de esperar que outros terminem de falar antes que eu o faça; de conservar o som do rádio baixo quando sou o único a escutá-lo; ou de partilhar minha hora de assistir televisão com meus familiares! Se eu permitir que minha bússola oriente minhas ações, pensarei primeiro nos outros. E quando minha irmã mais velha disser que preciso cortar o cabelo, eu concordarei, em lugar de ignorar minha bússola e armar uma discussão.

Mamãe afirma que, se eu conseguisse passar minha bússola para o controle automático em todas as eventuais situações familiares, minhas maneiras em público não seriam tão inconvenientes. Conversas em voz alta e gargalhadas! Conduta turbulenta nas ruas! Falta de atenção e irreverência na Igreja! — A bondade e gentileza poderiam corrigir todas essas coisas e melhorar minha conduta onde quer que fôsse. Sem dúvida preciso manter minha bússola trabalhando por mim. Não desejariam tentá-lo também?

# ESPERANÇA E ALEGRIA DE TODOS OS HOMENS

Evalyn M. Sandberg

**O**s eventos miraculosos do ministério de Cristo são amplamente conhecidos. Mas existe um período no estabelecimento da Igreja primitiva que freqüentemente é esquecido ou negligenciado — aqueles anos importantes logo após o ministério de Jesus. Os acontecimentos desse período estão descritos nos "Atos dos Apóstolos". São uma continuação do ministério do Salvador, que prosseguiu através do Espírito Santo agindo sobre esses apóstolos. Tem sido chamado de "Evangelho do Espírito Santo". Tais registros descrevem a missão de Paulo entre os gentios e a de Pedro entre os judeus. Contam também a posterior conversão de Pedro, provocada por uma visão, à grande responsabilidade de levar o Evangelho ao mundo inteiro.

Inúmeras conversões — muitos batismos — resultaram do poderoso testemunho de Pedro e da influência do Espírito Santo sobre a mente dos que o ouviam. Três mil se converteram e foram batizados em um único dia. Cinco mil ouviram e creram noutra ocasião.

Até à época dos eventos narrados em Atos, o Evangelho havia sido pregado unicamente entre os judeus. A fim de evitar que idéias e costumes pagãos se insinuassem na vida dos judeus, os líderes religiosos de longa data haviam declarado "ilícito" para os judeus conviverem com pessoas de outras nações. Os primeiros cristãos, que naturalmente também eram judeus, continuaram a encarar essa lei como válida e obedeciam-na. Mas a visão extraordinária de Pedro, em Jope, transformou-se em ponto crucial da história do cristianismo. Nessa manifestação Pedro viu animais de toda espécie descendo em sua direção, muitos deles sendo considerados pelos judeus como "impuros", e portanto, impróprios para a alimentação; e Pedro ouviu uma voz

que dizia: "Levanta-te Pedro; mata e come." Este a princípio relutou dizendo: "De modo nenhum Senhor, porque jamais comi coisa alguma comum e impura." Então



Jerry Harston

a voz respondeu: "Ao que Deus purificou não consideres comum." (Vide Atos 10:9-16)

Enquanto ainda ponderava o significado dessa mensagem, repetida por três vezes, disse-lhe o Espírito: "Estão aí dois homens que te procuram; levanta-te, pois, desce e vai com eles, nada duvidando; porque eu os enviei." (Atos 10:19, 20)

Pedro foi com os homens, acompanhado por alguns dos irmãos de Jope. Os homens o haviam procurado por ordem de Cornélio, um oficial romano e que era "piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus." (Atos 10:2)

O próprio Cornélio tivera uma visão enquanto orava, quando viu um anjo que lhe asseverou que suas orações haviam sido ouvidas e as suas esmolas notadas por Deus. Disse-lhe que mandasse buscar Pedro, explicando onde poderia este ser encontrado e acrescentando: "Ele te dirá o que deves fazer." (Vide Atos 10:1-6)

Ali estava o Espírito Santo persuadindo dois homens justos — nenhum deles tendo consciência do sublime desígnio, mas ambos dispostos a serem guiados em retidão.

Quando Pedro chegou a Cesaréia, Cornélio foi ao seu encontro e prostrando-se-lhe aos pés, o adorou. Mas Pedro o levantou dizendo: Ergue-te, que eu também sou homem." (Atos 10:25, 26)

Ao entrar na casa, Pedro encontrou, ali reunidos, muitos parentes e amigos de Cornélio. Saudou-os com as seguintes palavras: "Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo; por isso, uma vez chamado, vim sem vacilar. Pergunto pois, por que razão me mandastes chamar?" (Atos 10:28, -9)

Cornélio relatou as instruções recebidas em sua visão, ao que Pedro respondeu: "... Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável." (Atos 10:34, 35)

Então prosseguiu testificando a respeito de Jesus e de sua missão divina:

"Vós conheceis a palavra que se divulgou... como Deus ungiu Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele. Dêle todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nêle, crê, recebe remissão de pecados." (Atos 10:37, 38, 43)

Enquanto Pedro falava, "caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra."

E os irmãos de Jope que acompanhavam Pedro estavam admirados "porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus."

Observando o que estava acontecendo, Pedro exclamou:

"Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo? E ordenou que fôssem batizados em nome de Jesus Cristo..." (Atos 10:47, 48)

Imaginaí a consternação dos irmãos na Judéia ao saberem que gentios haviam sido admitidos na Igreja! Quando Pedro retornou a Jerusalém, eles o censuraram dizendo: "Entraste em casa de homem incircunciso e comeste com eles!"

Tornou-se necessário que Pedro lhes relatasse todas as circunstâncias reinantes nessa mudança radical da lei judaica; contou-lhes sua visão e o chamado de Cornélio, concluindo sua explanação com as seguintes palavras:

"Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós no princípio. Então me lembrei da palavra do Senhor... João, na verdade batizou com água; mas vós sereis batizados com o Espírito Santo." (Atos 11:15)

Pedro terminou reconhecendo a supremacia da vontade de Deus:

"Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?" (Atos 11:17)

"E os irmãos judeus, ouvindo estas coisas apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida." (Vide Atos 11:18)

Daí por diante o Evangelho foi pregado em muitos lugares e a muitos povos.

Nos milagres do ministério pessoal de Cristo vemos o poder de Deus manifestado através do Homem Perfeito. Nos Atos dos Apóstolos observamos o poder divino operando através de homens justos, chamados e ordenados para a obra do Mestre, mas que, a não ser por tal importante distinção, eram mortais comuns. Podemos ver também a Palavra estender-se dos poucos escolhidos à grande maioria.

A aplicação do Evangelho tornou-se universal, mesmo naqueles primeiros anos. E, como planejara seu autor, tornou-se a esperança e alegria de todos os homens.

---

## Jóias Sacramentais

---

### ESCOLA DOMINICAL SÊNIOR

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." João 3:16

### ESCOLA DOMINICAL JÚNIOR

"Amados, amemo-nos uns aos outros; porque o amor é de Deus."

I João 4:7



JUVENTUDE DA IGREJA

# Papai Noel Relutante

Donlu Dewitt

**P**aulo Santos descia a rua, tremendo de frio e resmungando. “Bela maneira de passar a véspera de Natal,” queixava-se. “Afinal o que pensam que eu sou, Papai Noel?” Puxar o carrinho já era humilhante, além do que, os pacotes pesavam muito. Suas botas feriam ruidosamente a crosta de gelo enquanto êle seguia ao longo da sarjeta, a fim de evitar os encontrões da multidão apressada que ocupava tôda a parte calçada. “Idiotas, idiotas, idiotas! Bah! Bobagem! Natal é uma farsa!” Aliviado com o desabafo, passou a andar mais depressa.

Paulo Santos era o mais nôvo dos cinco filhos de Antonio Santos, próspero comerciante de secos e mo-

lhados num subúrbio da grande cidade, onde ocupava lugar de certo destaque. A orgulhosa abastança de seu bondoso pai, e as pacientes aptidões trazidas do Velho Mundo de sua boa mãe, não impressionavam Paulo. Era um jovem irritado, cansado de aturar as zombarias de seus colegas granfinos na escola. E agora, tinha que bancar o bom samaritano para alguma gatinha sôbre a qual seus pais se colocavam como benfeitores caridosos! Os motejos martelavam em sua cabeça; resmungava ao compasso dêles, acompanhado pela melodia de uma canção natalina cujos sons lhe chegavam indistintamente através da noite gélida, vindos de algum lugar distante.

“Que lástima pessoal, Santos não pode ir à festa conosco, não é? Tem que levar um pacote a pedido da mamãe, hein, Papai Noel?”

Agora havia lágrimas em seus olhos; começou a correr. O ar gelado cortava seus pulmões e o fêz tossir. Deu um pontapé no meio fio. Estava ficando cada vez mais escuro e desolador, e sua frustração aumentou ao entrar no distrito miserável onde vivia o destinatário. Mas Paulo não era um rapaz mau, nem lhe faltavam qualidades de caráter. Quando o pai lhe dissera: “Você irá e fará isto por sua mãe e por mim, filho,” êle obedeceu.

Agora ficou a refletir sôbre o que o pai lhe contara: “É uma família muito jovem e pequena, Paulo. O pai faleceu há dois anos, a mãe está extremamente fraca e é muito pobre, com duas crianças que não conhecem a felicidade que você desfrutava, meu filho. Leve-lhes essas poucas coisas, mas não diga quem as mandou. É mais conveniente dar em segredo.”

“Que felicidade?” admirava-se Paulo. “Não sou feliz coisa alguma.”

Alí estava a casa; era tão pequena e velha que sentiu-se assustado. Estremeceu pensando em seu lar aquecido, sólido, enquanto puxava o carrinho até à porta. Lá de dentro ouvia-se uma voz doce cantando — “Jesus num presepe, sem berço nasceu, não tinha agasalho o corpinho seu...” Paulo sentiu um nó subir e travar-lhe a garganta.

Bateu na porta. O canto foi interrompido, e após um leve arrastar de pés, a porta se abriu. A mulher que surgiu não tinha sua altura, nem sequer a metade de seu corpo. As pequenas sombras que se agarravam à sua saia rôta pareciam ser só olhos. “Sim?”

Paulo, engolindo em sêco, disse: “Venho da parte de uns amigos que lhe desejam um feliz Natal e que Deus a abençoe.”

A mulher, surpresa, ficou de lado enquanto Paulo levou os diversos embrulhos e os depositou no assoalho nú.

Ao retirar-se e lançar um último olhar para trás, as três figuras que antes pareciam como que congeladas na entrada, súbitamente criaram vida. A garotinha rompeu o papel de um pacote, enquanto o irmão abria um outro.

“Comida, Mamãe! Ó, mamãe, mamãe, um vestido para mim! E para a senhora, um casaco! Papai Noel velo afinal!”

Sua mãezinha, chorando, por demais abatida para protestar contra as dádivas generosas em sua sala desprovida, gritou atrás de Paulo: “Que o Senhor o abençoe. Você foi uma resposta a minhas orações. Deus o abençoe! Deus o abençoe!”

“Mamãe, vem aqui!”

A porta fechou-se.

As pessoas olhavam admiradas para Paulo Santos, filho de Antônio, ao vê-lo correndo pelas ruas puxando um carrinho vermelho vazio, a face iluminada por um brilho intenso e cantando: “Mundo feliz, nasceu Jesus! Nasceu trazendo a luz!”



# O Bispo Presidente Fala à Juventude Sobre

## A PALAVRA DE SABEDORIA

**T**odo aquele que já teve ocasião de visitar o Grande Canyon, na região ocidental dos Estados Unidos, sente-se atemorizado pela imensidão dessa enorme garganta. Sua largura varia de seis e meio a vinte e nove quilômetros; em alguns pontos chega a ter mais de 1.600 metros de profundidade. Ao examiná-lo, tem-se a impressão de que foi preciso uma força poderosíssima ou então uma enorme convulsão para abrir tamanha fenda na crosta terrestre.

Entretanto, sabe-se que esta profunda garganta foi formada principalmente pela ação contínua das águas carregadas de sedimentos do rio Colorado, que atualmente parece uma estreita fita estendida ao longo do fundo do canyon.

Da mesma forma, os pequenos atos de violação e dissidência de leis aprovadas e estabelecidas podem abrir um sulco trágico em nossas vidas.

Há cento e trinta e seis anos, foi-nos dada uma revelação destinada a orientar nossas ações e pensamentos, a fim de que pudéssemos edificar o caráter e alcançar a vida eterna. Trata-se da Palavra de Sabedoria "... dada por preceito, com promessa, adaptada à capacidade do mais fraco de todos os santos, que são ou podem ser chamados santos. Eis que, na verdade, assim vos diz o Senhor: Devido a maldades e desígnios que existem e existirão nos corações dos homens conspiradores nos últimos dias, Eu vos avisei, e de antemão

vos aviso, por meio desta palavra de sabedoria, dada por revelação." (D&C 89:3, 4)

Entre outras coisas, o Senhor nos advertiu quanto ao uso do tabaco, bebidas fortes e quentes. Embora a Palavra de Sabedoria esteja adaptada à "capacidade dos fracos", certas pessoas indagam que mal pode haver num cigarro ou num gole de bebida alcoólica. Muitas pessoas já encontraram a resposta a esta pergunta voltando seu olhar para uma vida que se foi, corroída pelo alcoolismo, cancer, afecções cardíacas e, talvez pior ainda, uma vida de privação espiritual provocada pela desobediência à palavra do Senhor.

Nossa preocupação com a juventude da Igreja não se prende somente ao estado de saúde deles, mas também ao seu bem-estar espiritual. A Palavra de Sabedoria está adaptada à capacidade "do mais fraco de todos os santos que são ou podem ser chamados santos." É um dos pontos de partida para a pessoa que deseja encaminhar-se para o reino de Deus. A obediência à Palavra de Sabedoria é parte da caminhada durante a qual se forma o caráter. As conseqüências da quebra da Palavra de Sabedoria são sérias porque podem afastar o homem do ambiente espiritual do nosso Pai Celestial.

Alguém afirmou:

"Quando se perde a saúde, algo foi perdido;  
Quando se perde o caráter, tudo está perdido."

A ênfase dada à Palavra de Sabedoria pelos líderes da Igreja não significa que este seja o maior dos mandamentos, mas é porque se trata de um ponto de partida na edificação da espiritualidade. O jovem, portador do Sacerdócio, e a jovem da Igreja devem manter suas vidas a salvo das armadilhas estabelecidas pelos "males e desígnios que existem e existirão nos corações dos homens conspiradores nos últimos dias."

Essas forças do mal querem que os jovens acreditem que não há nada de mal em fumar um cigarro, tomar um gole de bebida, ou uma xícara de café ou chá, e bilhões de cruzeiros são empregados para promulgar seus desígnios. Nenhum argumento, raciocínio ou divisa pode modificar um mandamento de Deus. Ele declarou, através do seu servo:

"Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?"

"Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado." (I Cor. 3:16, 17)

Devido a seu amor por nós, o Senhor nos advertiu contra as forças destruidoras empregadas pelo maligno para profanar o templo do nosso espírito. A Palavra de Sabedoria é um princípio no qual a juventude da Igreja pode confiar.



## CONFIAR E OBEDECER

Inúmeras vezes temos recordado aquela bela manhã de maio, há quase sete anos, quando nossa filhinha foi abençoada. O pai e o tio, orgulhosos, em companhia do bispo formaram um círculo ao redor dela. Revestido da autoridade de dar-lhe um nome e uma bênção paterna, o jovem militar, contando com o Espírito do Senhor e fortalecido pelo círculo do Sacerdócio no qual se encontrava, disse: "... O nome que teus pais escolheram para ti é Melissa Madsen... e valendo-me do privilégio e direito exclusivo concedido a mim na qualidade de pai, eu te abençoo..." Quando terminou a ordenança, os mais profundos anseios e esperanças do jovem casal haviam sido selados com o seu Pai Celestial.

**Richard H. & Doralee D. Madsen**

**F**oi pouco tempo depois que, refletindo sobre o acontecimento descrito, compreendemos que tínhamos a incumbência, na qualidade de pais de Melissa, de prepará-la para que fôsse capaz de receber, através da obediência as bênçãos que invocáramos para ela. Não poderíamos ser verdadeiramente felizes até termos moldado esse presente recebido dos céus num indivíduo responsável e obediente.

Agora que já possuímos Melissa há quase sete anos, o significado das palavras confiança, respeito, obediência e honestidade estão sendo continuamente redefinidas em nossas mentes. Com seus olhos e ouvidos atentos, a pequena de seis anos investiga cons-

tantemente esses conceitos seculares, observando se seus pais os mantêm sagrados.

Melissa lembra-se muito bem daquela noite crítica quando, ao brincar, sofreu profundo talho na cabeça. Fomos depressa para o hospital em busca do cirurgião plástico. Momentos depois, estava deitada na mesa operatória, acordada e amedrontada, enquanto enfermeiras, médicos, carrinhos, auxiliares e o resto da confusão costumeira das atividades hospitalares redemoinhavam ao redor dela. Agarrada à mão do pai com tanta força que suas unhas chegaram a feri-lo e fitando o semblante confortador da mãe, ficou deitada sem mesmo uma lágrima ou movimento, enquanto o médico suturava o corte. Em meio àquela confusão aterradora, tor-

Os pais de Melissa



sabiam que a maior

Dale Kilbourn

nou-se óbvio que ela aprendera a ter confiança nos pais e isto ajudou-a a manter-se calma.

#### **Melissa — À altura da tarefa.**

Por sua vez, os pais haviam aprendido a confiar em Melissa quando esta provou que sabia obedecer. Certa manhã, voltando de carro pelo Wasatch Boulevard, após terem levado o pai ao emprêgo, a família observou alarmada que havia um incêndio na montanha, acima da sua casa. Parecia que centenas de pessoas estavam tentando apagar o fogo que se propagava pelo mato. A mãe sabia que o fogo já atingira seu quintal. Havia carros de bombeiros em volta da casa quando subiram a rua em meio da confusão e barulho. Estacionando o carro apressadamente, ela sentia-se impedida a examinar a situação, mas também sabia ser necessário impedir que as quatro crianças que estavam em sua companhia corressem riscos desnecessários. Prontamente, sem nada explicar, entregou o bebê à menina de seis anos, tomou as mãos das outras duas crianças, dirigindo-se para a casa de uma vizinha. Mandou que a mais velha, Melissa, cuidasse das irmãs até que a mãe voltasse. A garotinha imediatamente assumiu seu encargo, acalmando o bebê e ajudando as outras duas a entrarem para a segurança da casa vizinha.

Sòmente depois que o incêndio já fôra debelado, as sirenas dos bombeiros emudecidas e a calma da noite chegara é que a garotinha confiou aos pais seu medo e preocupação pela segurança da mãe e da casa. Ela aceitara a responsabilidade de que fôra incumbida, obedeceu as instruções maternas, esperando até mais

tarde para fazer perguntas e ser confortada quanto à sua própria sensação de insegurança e temores. Fôra quase uma reação instintiva que fizera a mãe confiar essa grande responsabilidade à filhinha de apenas seis anos. Ela sabia que Melissa estaria à altura da tarefa, sabia que ela obedeceria.

#### **Timothy — Não houve segunda chance**

Como pais sentimo-nos particularmente contentes quando vemos que nossas crianças estão aprendendo a obedecer as leis do nosso ambiente doméstico. Os regulamentos no lar são fundamentais para que a criança aprenda obediência. Uma criança de seis ou sete anos pode aprender a respeitar a hora das refeições familiares, como também obedecer o horário estabelecido para dormir. Consegue entender que quando usa seus brinquedos, êstes devem ser guardados no lugar a êles destinado, antes de pegar outra coisa ou ir jogar. A criança aprende respeito pelo lar através da obediência à regra de brincar em local apropriado, reservando os locais mais tranquilos e repousantes para receber amigos. Quando convidada à casa de um coleguinha, esta criança deve respeitar a lei da consideração mútua, pedindo permissão à mãe antes de ir, ou telefonando imediatamente da casa do amiguinho informando onde se encontra.

As regras de saúde são vitais para o desenvolvimento da criança. É fácil adquirir bons hábitos de saúde — lavar as mãos antes das refeições, escovar os dentes depois de comer, manter o corpo asseado lavando-se

**dáviva que poderiam dar à sua filha seria um lar onde ela pudesse aprender a confiar e obedecer.**

cuidadosamente, exercitar-se vigorosamente em atividades ao ar livre, e repousar adequadamente durante a noite.

O respeito pelo próximo — o policial, a professora da Escola Dominical, o irmão ou irmã mais jovem, o vizinho — pode ser ensinado pelo exemplo dos pais.

O respeito pelos mandamentos de Deus é desenvolvido na criança através da sua associação com seu Pai Celestial na oração. Os pais sentem alegria ao ouvir seus filhos pronunciarem a oração familiar.

Recentemente lemos num jornal uma notícia acêrca de um garoto chamado Timothy com idade idêntica à de Melissa. Certa noite sua mãe surpreendeu seus dois filhos menores mastigando comprimidos tranquilizantes. Timothy negou que tivesse ingerido algum. A mãe levou as três crianças ao hospital, onde submeteram as duas menores a uma lavagem estomacal. Timothy continuava insistindo que não comera nenhuma das pílulas, por isso não foi submetido ao mesmo tratamento. As três crianças voltaram para casa e foram dormir. Na manhã seguinte a mãe examinou as crianças. As duas menores estavam perfeitamente restabelecidas. Timothy estava morto.

É de cortar o coração que êsse garotinho não tivesse aprendido a grande lição da obediência. Sua mentira foi descoberta tarde demais. Para êle não houve uma segunda chance.

#### **Uma Fórmula para Pais e Filhos**

O rei Benjamim, pouco antes de morrer, dirigiu-se aos pais e filhos. Aos primeiros disse:

“Nem permitireis que vossos filhos... quebrem as leis de Deus, nem que briguem e disputem uns com os outros ... Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade... ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros. (Mosiah 4:14, 15)

Esta admoestação feita aos pais é também uma boa receita para os filhos seguirem. Quando os pais e a criança atentam para êsse encargo, a felicidade é o resultado. Tendo instruído, orientado e ensinado pelo exemplo, com o constante auxílio do Pai Celestial e pelo dom do Espírito Santo, os pais podem sentir certa segurança ao lançar o precioso espírito no caminho da idade adulta. Os pais se deliciam com o crescimento e desenvolvimento evidenciado pela criança de seis ou sete anos, à medida que ela aprende a respeitar as leis de Deus, os regulamentos domésticos, as leis comunitárias.

Os pais devem amar a seus filhos, e com a ajuda do Pai Celestial, procurar ajudá-los a alcançar as bênçãos e promessas que lhes foram prometidas quando bebês. O Senhor abençoa os pais com grande alegria quando seus filhos são bem sucedidos quanto à sua conduta, pois todo tempo é um prolongamento de seus pais.

Põe-me como sêlo sôbre o teu coração,  
como sêlo sôbre o teu braço, porque o amor  
é forte como a morte.

(Cantares de Salomão 8:6)

# O Poder do Amor



Dale Kilbourn

Lindsay R. Curtis

**E**ra uma noite fria, úmida, desagradável em todo o sentido da palavra. Era o tipo da noite que um médico geralmente gostaria de esquecer. Entretanto foi uma noite que nunca hei de olvidar!

Três meses antes, meu pai sofrera um derrame cerebral que o privara do uso de suas pernas e temporariamente da fala. Embora suas pernas estivessem inutilizadas para sempre, gradualmente conseguiu recobrar a capacidade de falar, ainda que com certa dificuldade.

Com 94 anos de idade, meu pai vivera uma vida cheia, útil e bem sucedida como esposo dedicado de sua namorada de infância e como genitor excessivamente tolerante de seus dez devotados filhos. Contudo, a despeito de sua idade avançada, tôda a sua numerosa descendência orava e esperava que readquirisse o vigor saudável com o qual sempre o haviam conhecido.

Como único médico entre os membros daquela família numerosa, eu trouxe meu pai para o hospital, distante 64 km de onde morava, a fim de poder estar perto dêle e prestar-lhe melhor assistência. Entretanto, aos poucos tornou-se evidente que êle nunca mais retornaria ao lar. Após três meses de tratamento, seu organismo, antes tão vigoroso, comunicava-nos que, tendo-o servido bem durante longo tempo, era agora incapaz de recuperar-se. Adquirira o direito de descansar.

E agora, no meio daquela noite lúgubre, seu pulso foi enfraquecendo tornando-se quase que imperceptível. A temperatura caiu abaixo do normal, sua pressão arterial vacilava, caindo vagarosamente. Seus reflexos denotavam o declínio das funções vitais à medida que iam desaparecendo. Após três meses de luta desesperada, seu espírito valoroso não mais conseguia fazer o corpo reagir. Meu pai estava morrendo.

Meu primeiro pensamento foi que eu não devia interromper minha mãe, cujo estado de saúde, na melhor das hipóteses, era precário. Não desejava interromper o repouso dela e muito menos fazê-la percorrer tamanha distância naquela noite gélida, para, afinal, encontrar papai já sem vida, quem sabe. E se chegasse antes de meu pai falecer, ela o encontraria em coma profundo

do qual seria impossível tirá-lo e em tal condição extrema, que seus médicos nada poderiam fazer

Mas então ocorreu-me que pelos seus 66 anos de vida matrimonial, meus pais haviam adquirido o direito de estar juntos durante os derradeiros momentos da vida terrena de meu pai. Sem dúvida, era um direito sagrado, muito mais importante do que qualquer raciocínio humano, por mais justo que fôsse. Senti que nenhum dos dois me perdoaria se eu lhes negasse êsse privilégio.

Somente com grande esforço minha mãe conseguiu suportar a viagem da sua casa até ao hospital. Foi levada depressa numa cadeira de rodas para junto da cama do companheiro agonizante. Como de costume, quando algo era importante, ela tinha que ficar de pé. Teve que ser literalmente erguida da cadeira e colocada sôbre os pés. Vacilando, curvou-se sôbre o rosto exangue do espôso, afagando carinhosamente seus ralos cabelos brancos como já o fizera milhares de vêzes. Da parte de minha mãe não houve lágrimas nem soluços. Apenas se curvava sôbre êle, beijou-lhe a testa, e depois falou em seu ouvido: "Meu querido, eu te amo!"

Nos últimos anos meu pai se sentira entristecido pela surdez progressiva — embora sempre entendesse o que mamãe falava. E agora, uma coisa maravilhosa acontecia a êsse ser agonizante. Repentinamente, embora devagar, uma lágrima apareceu no canto de seu olho. No momento em que ela rolou pela face seu pulso se fortaleceu; a pressão arterial começou a subir e seus reflexos retornaram vagarosamente. A princípio quase que imperceptivelmente, mas finalmente sem dúvida, meu pai principiou a sair do coma.

Saimos todos do quarto — exceto mamãe.

Quando voltamos, papai caíra novamente em coma. Mas minha mãe observou: "tivemos magnífica conversa acêrca de algumas coisas muito importantes."

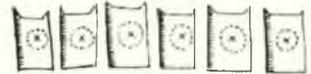
Não é preciso que alguém seja médico para saber que a única coisa na terra, suficientemente poderosa para transpor o abismo entre a vida e a morte — é o amor!

# O Que é Um Santo Dos Ultimos Dias?

UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é uma espôsa que passa a tarde tôda assando lasanha e batendo bôlo, e depois leva a família para o bazar da Igreja, onde seu gentil marido paga pela mesma lasanha um cruzeiro a porção e compra o bôlo de volta.



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é alguém com seis sacos de feijão na garagem e um super-mercado do outro lado da rua (o super-mercado não é dêle).



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é um bispo que trabalha oito horas diárias numa serraria para sustentar a família, paga o dízimo, ofertas de jejum, orçamento da ala, fundo de construção e fundo missionário e então sorri quando algum estranho lhe pergunta quanto ganha em média por ano da sua congregação.



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é uma criança que não espera milagres, está acostumada com êles.



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é uma mulher que "nunca consegue acabar de passar a roupa" porque a reunião da Sociedade de Socorro é na quinta-feira.



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é um homem que pede um copo de leite no restaurante e o garçon lhe confessa que também tem uma úlcera,



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é um doutor em filosofia que ouve atentamente enquanto seu companheiro de quatorze anos ministra a lição dos mestres familiares a uma das famílias da ala.



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é uma garotinha de dois anos que canta o mais alto que pode durante o hino sacramental e recebe um sorriso do regente.



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é um superintendente da AMM que convoca o pessoal para uma reunião às 18:45 para preparar para a reunião das 19:00 a qual serve de preparativo para a reunião das 19:15 na qual a reunião das 19:30 (a da AMM pròpriamente dita) é planejada.



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS é uma velhinha que já não ouve nem vê muito bem mas que senta-se silenciosamente na Igreja, comprazendo-se no Espírito ao sentir os abraços fraternais e apertos de mãos dos seus amados.



UM SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS sou eu mesmo, já que não poderia ser qualque outra coisa.



## Minhas Horas Passadas - Onde Estão?

Richard L. Evans

do Conselho dos Doz

**É** sempre surpreendente a rapidez com que passa o tempo. “Minhas horas passadas - onde estão?” perguntou angustiado o poeta. Semanas parecem apenas horas. E quando olhamos para o que fizemos um dia, o tempo perdido, os entretimentos, maravilharmo-nos do tempo que desperdiçamos — algumas vezes vendo ou ouvindo coisas que não valem o tempo que tomam; algumas vezes lendo o que não vale nem o papel sobre o qual está escrito; outras vezes pensando o que jamais deveria ser pensado ou escrito. “O que é o tempo?” perguntou Longfellow. “A sombra no mostrador, o soar das horas, o correr da areia...? Estas coisas são apenas ... sinais exteriores... o tempo é a vida da alma.” Tempo, vida, escolha: A verdadeira essência de tudo o que somos ou seremos sempre. E quem sabe devemos fazer estudos sobre a utilização do tempo empregado em nossos afazeres para notarmos a diferença entre progredir e meramente mover-se; e não tanto de modo desnecessário fazer as mesmas coisas reiteradamente, tais como mover e redispôr a mesma pilha de papéis e colocá-la em diferentes lugares, sem realmente despachar o assunto; algumas vezes fazendo essencialmente o mesmo com os problemas — aborrecer-se e re-aborrecer-se a respeito sem fazer o que pode ou deve ser feito; algumas vezes pugnar com os mesmos hábitos, os mesmos apetites, a mesma consciência pesada, sem realmente arrependê-lo ou melhorar, ou realmente aprendermos as nossas lições. Com o tempo em moção, carrilhões soando, a vida passando, mover-se não é o bastante. Há algumas coisas que devem ser feitas agora, ou já deviam estar feitas. Oh, que tenhamos a sabedoria de usarmos o pouco tempo, a preciosa vida, para fazermos o que deve ser feito, aprendermos o que deve ser aprendido, viver como se deve viver: arrependê-lo, melhorar, realizar, com um abençoado senso de paz e propósito — não somente re-dispondo nossos problemas — não apenas correndo de um lado para o outro.